

Mercado Digital

Patricia Knebel
patricia.knebel@jornaldocomercio.com.br

Confira, diariamente, no blog Mercado Digital, conteúdos sobre tecnologia e inovação. Para acessar, aponte a câmera do seu celular para o QR Code.

jornaldocomercio.com/mercadodigital

Código aberto devolve controle, diz Lacerda

A soberania digital ganha cada vez mais espaço nas discussões sobre tecnologia, segurança e dependência. Acontecimentos recentes, desde falhas de sistemas de empresas de tecnologia a ciberataques que paralisaram operações das mais rotineiras, como o acesso a aplicativos de produtividade, até portos e aeroportos, comprovam o quanto esse tema é sensível. Para Marcos Lacerda, presidente da Suse para a América Latina, o código aberto é um instrumento importante para garantir liberdade de escolha, mas não representa, por si só, uma garantia de segurança.

Em entrevista ao Mercado Digital, ele fala sobre o cenário brasileiro, a procura das empresas por alternativas tecnológicas e os desafios que surgem no setor com o avanço da Inteligência Artificial.

SUSE/DIVULGAÇÃO/JC



Soberania é manter o controle e a resiliência por meio da liberdade de escolha, afirma executivo

> Você consegue ver o código, auditar, adaptar e, principalmente, não fica preso a uma única empresa para continuar operando

Mercado Digital - Como o código aberto pode ajudar empresas e governos a reduzir a dependência de poucos fornecedores e preservar a soberania digital?

Marcos Lacerda - O código aberto devolve o controle para quem usa a tecnologia. Esse é o principal aspecto do papel do código aberto quando se fala de soberania.

Você consegue ver o código, auditar, adaptar e, principalmente, não fica preso a uma única empresa para você continuar operando. Se o fornecedor muda a política comercial, preço, política de distribuição ou se decide, por qualquer razão, deixar de oferecer aquele serviço ou licença em um determinado país, você tem para onde correr caso tenha optado pelo software livre.

Mercado Digital - Como você define a soberania digital?

Lacerda - Soberania é manter o controle e a resiliência por meio da liberdade de escolha. Um exemplo é a questão da virtualização. Muitas empresas, nos últimos anos, descobriram que mudanças bruscas de política de licenciamento e política comercial de fornecedores acabam gerando um impacto gigantesco. Mas, quem já tinha uma base aberta e portável, conseguiu reagir muito mais rápido. Quem aposta tudo em uma plataforma proprietária e fechada, ainda tem caminhos a seguir, mas é um pouco mais árduo até conseguir se desvencilhar.

Então, quem tem essa visão de apostar mais forte em opções de código aberto acaba ganhando agilidade quando precisa.

Mercado Digital - O Brasil já foi protagonista na adoção do código aberto. Como você avalia essa trajetória e o que o País precisa fazer para retomar esse espaço?

Lacerda - É verdade que o Brasil, há 15, 20 anos, tinha um protagonismo gigantesco em toda essa questão de soberania - termo que a gente nem usava muito na época, mas o conceito definitivamente estava lá. E não é que essa cultura de código aberto deixou de existir no Brasil. As comunidades que sustentam o código aberto continuam muito relevantes e muito pulsantes.

A própria Suse global, quando abre posições mais técnicas, acaba contratando muita gente aqui no Brasil. Eles não estão necessariamente ligados à operação Brasil da Suse, mas dão contribuições técnicas globais e conseguiram essas posições concorrendo com europeus, americanos e asiáticos, justamente, pelo conhecimento técnico. O Brasil ainda tem um pool de talento técnico, graças a essa cultura de código aberto. Mas, claro que ainda há uma certa tendência de politizar alguns temas, e é importante entender que o tema da soberania é digital, não político.

> Quem tem uma base aberta, consegue reagir mais rápido. Quem aposta tudo em uma plataforma proprietária e fechada, tem um caminho mais árduo.

Mercado Digital - Há um aumento da procura de empresas preocupadas com essa questão?

Lacerda - Globalmente, estudos mostram que muitas empresas enxergam a soberania como uma prioridade. Mas, apenas metade delas possuem, efetivamente, iniciativas de verdade em relação à soberania. Não temos estatísticas específicas do Brasil para isso, mas o que a gente sente no dia a dia nas interações com grandes empresas de todos os setores é que a discussão sobre soberania era quase nula há dois anos, até um ano e meio, e agora é um dos principais temas de discussão. Está todo mundo preocupado com isso.

A gente acompanha várias decisões complexas que podem afetar planos de médio, longo prazo de grandes empresas aqui no Brasil e até na América Latina. Então, isso está em pauta, sim. Está todo mundo interessado em entender mais qual é a relação entre código aberto e soberania. Outra característica é que é sempre o governo que costuma ser o primeiro a demonstrar esse tipo de preocupação. E isso está se tornando uma discussão muito comum, muito concreta aqui no Brasil.

Mercado Digital - Considerando os episódios recentes envolvendo sistemas de tecnologia e segurança, o que poderia ter sido diferente se essas infraestruturas não dependessem tanto de poucos sistemas?

Lacerda - Não consigo responder diretamente o que poderia ter sido diferente, mas vou falar sobre o que estamos vendo. As ferramentas de Inteligência Artificial possuem uma capacidade de incrível de identificar brechas de segurança. Tem situações que multiplicou por 100 vezes mais. Então, o volume e a velocidade em que essas brechas de segurança estão sendo identificadas em softwares, em aplicações, até em sistemas operacionais, é um ponto central.

Eu falei da importância e do alinhamento de você ter o código aberto como uma ferramenta de soberania digital, e o código aberto também é uma forma incrível de você ter um ambiente mais seguro. Mas, código aberto por si só não é garantia de segurança. E aí está uma distinção muito importante.

O código aberto é legal, mas você não pode contar que a comunidade que mantém o código aberto vai ter o volume e a agilidade para corrigir as brechas de segurança que estão sendo identificadas agora em velocidade diária. Então, é fundamental que essa solução seja suportada por alguém que tenha a capacidade e a banda para suportar essas mudanças em alto volume e esses updates que precisam ser necessários em alto volume. É justamente aí que a Suse entra.

Mercado Digital - Como tem sido a evolução da Suse na região?

Lacerda - A América Latina tem um dos mais acelerados ritmos de crescimento dentro da operação global da Suse, então, as nossas metas e expectativas continuam altas. Estamos crescendo de forma constante desde 2021, e a expectativa para esse próximo ano fiscal, que começou agora, não é diferente.

Estamos ganhando espaço, principalmente, em virtualização. Tem muita empresa grande aqui no Brasil buscando alternativas para dar continuidade à sua jornada de virtualização, mas aproveitando para fazer uma modernização desse ambiente. E a outra grande vertente que vem crescendo bastante para a gente é, obviamente, a Inteligência Artificial. A Suse não se posiciona como uma provedora de IA, de LLM. Temos uma plataforma que é usada pelos nossos clientes para rodar os seus deployments de IA, seja na nuvem, seja on-premises.

Acreditamos que essa questão de trazer para o on-premises é uma vertente que só vai crescer daqui para frente. A gente percebe, claramente, cada vez mais empresas com projetos de ter seus próprios servidores e fazer o processamento local, principalmente, para ter controle dos seus próprios dados.